

NECESSITAMOS DE UMA COURAÇA PARA ADAPTAR-NOS À REALIDADE SOCIAL?

Por Xavier Serrano

*“A civilização começará no dia em que a preocupação com o bem-estar dos recém-nascidos prevalecer sobre todas as demais.”
(W. Reich)*

O céu estava cinza e começava a chover. Wilhelm Reich, depois de passar umas horas em seu centro de saúde mental, dirigia-se à seu consultório particular de psicanálise. Era o ano de mil novecentos e trinta (1930). Dias atrás, ele havia participado de uma reunião clínica com seus colegas, entre eles, S. Ferenczi, O. Fenichel e o mestre S. Freud. Depois de trocar impressões sobre a preocupante situação política em Berlim e da agitação social que se observava na cidade, Reich expôs o caso de um jovem impotente que havia tratado, centrando-se na análise tenaz do seu principal traço de caráter – o vitimismo masoquista – e, portanto, em uma forma mais “ativa” que a habitual. A reação de tristeza espontânea do paciente resultou muito estimulante e nova para Reich. O paciente apresentou esta reação ao contatar com o medo que tinha de que seu pai censurasse suas atitudes e o humilhasse. Esta reação aumentou quando Reich o animou a olhar com os olhos muito abertos. Mas, o que realmente o impactou foi que, a poucos minutos de estar mirando-se, a tristeza deu lugar a um olhar de fúria e a uma expressão corporal geral de raiva.

Recordou-se da teoria de Ch. Darwin segundo a qual a expressão das emoções sempre ia acompanhada de mudanças corporais. O jovem franzia a testa de maneira que quase não se via seus olhos, além de ter frequentes dores de cabeça que podiam ser fruto desta tensão frontal e cranial. Reich entrou em sua consulta refletindo a respeito. Deitado no divã, disse-lhe que abrisse bem os olhos e se deixasse levar pelo que sentisse durante a pressão que fazia sobre seus occipitais. Ele fez isso durante uns minutos. Primeiramente com suavidade e depois com mais força. O paciente começou a chorar com uma tristeza grande, sem conseguir se conter, e a única palavra que saía era "mamãe". Reich acabava de descobrir a

base somática do inconsciente freudiano e do caráter, **a couraça muscular**.

Há alguns meses, Pedro e Ana, um casal de Donostia, entraram na consulta de um conhecido centro reichiano que trabalha com a Ecologia de Sistemas Humanos. Seu bebê de umas poucas semanas passava muito tempo chorando e tinha dificuldades para mamar. O pediatra havia aconselhado deixar o peito e dar-lhe a mamadeira; mas, antes de tomar esta decisão, quiseram outra opinião. A especialista os atendeu e depois de pedir-lhes dados da relação e da experiência da gravidez e do parto, pegou o bebê, colocou-o deitado e fez um pequena massagem geral. Ao pressionar a zona occipital começou a chorar muito. Aconteceu a mesma coisa ao massagear a testa. A mãe quis pegá-lo no colo, mas a especialista explicou-lhe que era uma tensão fruto do sofrimento vindo do parto ao utilizar a ventosa no expulsivo e que, brevemente, passaria. Aos poucos minutos, deixou de chorar e, abrindo muito os olhos, sorriu. A partir deste momento, mamou prazerosamente.

Desde a concepção, o complexo processo da Vida começa e, pouco a pouco, influenciado pelo código genético (passado histórico) e, sobretudo, pelas condições relacionais, afetivas e sociais que rodeiam seu processo de maturação (experiência ontogenética), articulará um padrão de organização sistêmico, específico, que definirá uma Estrutura Humana. Essa estrutura predispõe a forma de ser, sentir, perceber, pensar, caminhar, respirar, metabolizar e, inclusive, sua sexualidade, quer dizer, sua identidade psicossocial. Se durante a vida intrauterina, o parto e os primeiros meses de vida este processo vital foi suficientemente harmônico, estável e amoroso, seu padrão de organização, quer dizer, sua Estrutura, terá uma base forte e consistente, com suficiente capacidade de amar e reivindicar suas necessidades. Mas, as condições familiares, escolares e sociais atuais – geralmente baseadas na repressão do instinto, nos objetivos de ganho, na competitividade, na anulação das manifestações afetivas e sexuais, etc – geram tensões musculares e atitudes caracteriais rígidas e estáticas. Em outras palavras, a Estrutura articulará uma couraça caracterio-muscular ("neurose caracterial") com duas funções principais:

- a) adaptar-se ao meio social (ecossistemas sociais) para ser aceito, reconhecido e, portanto, formar parte do "grupo". Com atitudes caracteriais, compulsivas, fálicas, masoquistas ou sádicas;
- b) proteger a base amorosa e suas potencialidades (seu "eu") desta dinâmica violenta e estressante. Para isso, produzirá um certo bloqueio emocional e uma falta de conexão entre o que pensa e o que realmente sente e necessita.

É por isso que, para Reich, o "caráter é a couraça do eu", a qual permite uma aparente estabilidade que se mantém, inclusive, diante dos conflitos cotidianos e, ao mesmo tempo, vai produzindo um esgotamento vital, oxidação, embrutecimento perceptivo, bloqueio emocional, neuroses, submissão e diversas enfermidades. Pode ocorrer, também, que este primeiro período vital esteja rodeado de rechaços, conflitos emocionais, ausências das pessoas que geram vida e afetividade e, inclusive, violência física. Isso gera uma Estrutura muito vulnerável, influenciável, depressiva, resignada, com um sistema imunológico débil e, portanto, com tendência a gerar enfermidades psicossomáticas graves (fronteiriças ou psicóticas).

A couraça será também muito débil, o que o faz muito mais maleável às condições afetivas, sociais e econômicas que viva em cada momento. São pessoas muito dependentes do casal, do trabalho, da família. Qualquer percalço forte pode ocasionar-lhe crises importantes e enfermidades.

Vemos, então, que a couraça vai-se produzindo como reação homeostática (autopoiética, segundo Maturama), quer dizer, para sobreviver diante das reações "contra-natura" dos ecossistemas humanos. Mas, ao mesmo tempo, limita e inibe o desenvolvimento do instinto, sobretudo da sexualidade, porque altera o regulador energético do nosso biosistema e o compensamos com atitudes caracteriais estáticas e rígidas (fálicas, masoquistas, compulsivas, histéricas) que se sustentam em tensões musculares crônicas.

A "natura" direciona-se à expansão, ao desenvolvimento do instinto, à alegria de viver, à inter-relação, e articulam os processos complexos maturativos com um ritmo e um tempo, de maneira funcional e autorregulada.

Nossa "cultura" direciona-se à contração, ao império da razão sobre o instinto, à parcialização, à dissociação, à simplificação, à imposição de ritmos "modélicos", gerando desequilíbrio que a couraça tenta compensar criando um "equilíbrio no desequilíbrio", para tentar evitar o sofrimento e a enfermidade. Mas, isso consegue parcialmente e com danos colaterais.

Portanto, nossa cultura, nossos modelos sociais de conduta, marcam um ritmo que violenta e perturba o ritmo de nossa natureza humana. Ritmo que se altera já na vida intrauterina, produzido pelo estresse excessivo da mãe; continua com o processo do parto médico injetando hormônios para acelerar o processo de expulsão; segue com a brusca separação da mãe ao sair do útero; prossegue com a imposição das mamadas seguindo um horário

baseado no "saber" do pediatra, saber sociocultural, que provoca ânsia no bebê ou a resignação, quando a relação com o peito da mãe e com seu corpo durante os primeiros meses de vida é rápida e forçada ou progressivamente inexistente; continua quando tem que se forçar os esfíncteres por meio do castigo, antes que estes, de forma natural, tenham esta capacidade; escondendo-se para tocar seus genitais e até ocultando-nos para dar passo de uma maneira ativa; ao final de nossa vida, com a proibição da eutanásia ativa. Portanto, sendo um delinquente ou um louco se realiza a dita ação. Em algumas ocasiões, se a violência com a qual se rompe o ritmo natural é muito forte, a enfermidade aparece sem que a couraça possa evitá-la.

Na realidade, durante milênios, o ser humano se relacionou através da violência, da crueldade, da injustiça e guerras, criando sofrimento e buscando o poder, reflexo da debilidade e falta de identidade humana planetária. Também pela ausência de sentimentos, de consciência ecológica, de pertencimento, de comunhão e de "espiritualidade laica", nos termos de F. Capra. Isso é o que Reich definiu como "peste emocional", as manifestações da couraça e das suas pulsões secundárias.

Diante de todo este estado de coisas, como não vamos necessitar de uma armadura consistente e protetora? Desde pequenos estamos acostumados a reprimir as emoções e a evitar o contato com o que pode produzi-las: tristeza, raiva, ódio, medo, desejo. Muitas vezes, ouvi isso durante as sessões: "estou começando a sentir mais a vida, mas não sei se gosto, porque também estou sofrendo mais".

A rebelião é antissocial, por isso, é necessário para o poder manter as couraças com tipos de educação repressiva e com criações frias e mecânicas, acostumando à criança ao sofrimento e à frustração.

Não se trata de destruir a couraça. Isso de desbloquear é um tópico, necessitamos de modulações e da conexão límbico-cortical. Por detrás das couraças estão todas as repressões de nossa história, todo nosso inconsciente. O que podemos fazer é minimizar a rigidez e baixar o distresse para que não continue aumentando a rigidez. As terapias, inclusive, são limitadas na maioria dos casos, porque a Estrutura sofreu tanto que não quer conectar. E se não existe contato com o próprio inferno, não há abertura ao mundo real atual.

Por isso, como dizia Reich, a solução está nas crianças do futuro: prevenindo a formação defensiva no seu processo de articulação (vida intrauterina – adolescência); terapia respeitosa com o indivíduo e com seu ritmo; criações respeitosas, relações humanizadas e

hábitos ecológicos em todos os sentidos; descontaminar a alma, reconhecer os limites e ampliá-los, ao mesmo tempo em que deixamos as crianças se expressarem em liberdade.

Couraça rígida é encolhimento, repressão, medo à liberdade e à vida. Não podemos romper a couraça, mas podemos flexibilizá-la através de uma psicoterapia adequada (no nosso caso a Vegetoterapia Caracteroanalítica desde Reich); de cuidados corporais com meditação, alimentação ecológica e técnicas corporais; do crescimento pessoal; e da prevenção e criação ecológica.

Nestes momentos que o poder quer nos atemorizar, devemos ser solidários e apoiar-nos mutuamente, embora seja difícil pelo medo à liberdade e por nosso individualismo que nos impede de abrir-nos. E isso é muito interessante para o poder. Em escala coletiva, a couraça de Reich chama-se peste emocional. A peste emocional tende a destruir tudo aquilo que vive. "A gênese do homem ecológico" supõe, em primeiro lugar, a eliminação da peste emocional. Essa peste emocional ataca prioritariamente a todos aqueles, como Cristo, Rousseau, como Reich e tantos outros que tentaram canalizar a atenção dos humanos em direção às coisas essenciais, em direção às questões vitais. A peste emocional tem um meio de expressão privilegiado: o rumor.

FOCOS DE INTERVENÇÃO

a) Prevenção – Couraça rígida em sistemas humanos essenciais: Criação Ecológica

Trata-se de prevenir a formação das Estruturas atuais – psicótica (distresse pré e pós-natal - ausência de objeto primitivo); fronteiroço (repressão - castração oral traumática, distresse pós-natal); e neurótico (repressão anal e castração genital, distresse psicossocial) – e colocar os meios adequados, desde a vida intrauterina até a adolescência, para que o mamífero (ser humano) desenvolva suas potencialidades humanas de forma autorregulada, em atmosferas ecológicas: respeito ao próprio ritmo, amor instintivo, cuidado, proteção, alimentação e hábitos ecológicos, limites e interação com o outro e com a natureza, integração funcional psicossomática (víscero-límbico-cortical). O que significa recuperar uma Estrutura Humana funcional e ecológica.

Para isso, teremos que aumentar a consciência e desenvolver intervenções psicossociais no sistema familiar e educativo; aplicando as leis gerais da Ecologia de Sistemas a cada caso em particular, atuando de uma forma coerente: respeito a ritmos, ter em conta as

necessidades e possibilidades do sistema, acompanhar processos, conter, apoiar, reforçar, intervenção individual psicocorporal com o casal e com o sistema familiar com meios sistêmicos e caracterooanalíticos.

b) Prevenção – "Praga emocional" (W. Reich, 1940) em sistemas humanos complementares: instituições e coletivos sociais

Descontaminar as atmosferas viciadas e saturadas de peste emocional nas instituições e coletivos sociais, gerenciando melhor seus recursos, baseados na autogestão, reconhecimento das autoridades funcionais e do protagonismo de todos os seus membros; aplicando o funcionalismo orgonômico e através de ferramentas caracterooanalíticas, psicocorporais e grupo-analíticas.